

#6

Deixar o caminho à alegria do acaso

AVELINO SÁ

PSIAX

Bela Adormecida de Avelino Sá

EDUARDO CALHEIROS FIGUEIREDO

02

Se é, porventura, conhecida a obstinada atracção que Robert Walser assumiu ter para com a obra dos Irmãos Grimm, e em específico este conto popular, DORNRÖSHEN – à letra “pequena rosa de espinhos” –, dir-se-ia ser idêntica a atracção que a obra daquele vem suscitando a Avelino Sá.

E é sob esse signo, o da revisitação, que também deveremos olhar a pungente alternância temática dos desenhos que compõem a obra “BELA ADORMECIDA” e reter a sensação de repetição que assola em alguns destes trabalhos: ao sugerir, ainda que para imediatamente o subverter, uma obediência a um pressuposto de ilustração enquanto proposição de imagens que se querem equivalentes ou substitutivas à escrita.

Mas é antes uma vaga reminiscência e não uma obediência o que, não sem ironia, sobressai, nesta pintura frágil, abrupta e contraditória (realçada pelo atrito que o texto de Walser imprime face à respectiva origem, implicando-lhe uma inelutável sensação de constrangimento). Ainda que não se impondo de forma evidente, tal constrangimento repercute-se na própria pintura, resultado que, arriscar-se-ia dizer, só poderia ser obtido mediante a opção que Avelino Sá assume nesta obra,

designadamente o carácter bifendido apresentado nestes trabalhos, a sua relação com um referente textual nítido, legível, mas não elucidado através da pintura. No entanto, embora sabendo ser aí que o enigma da obra reside (a não-ilustração e, como tal, não-elucidação) poderíamos, digressivos, diante deles ainda assim exclamar «Erd und Licht!», como Friedrich Hölderlin, sim, terra e luz! Pois se alguns deles nos aproximam, qual sensação frustrante e intransponível, do solo, revelando-se telúricas algumas das superfícies que compõem os trabalhos, noutros, é antes um carácter luminescente que sobressai, impondo-se em todos eles, apesar da alternância e da dissemelhante opacidade, um único fim.

Não é, pois, a pintura que serve o texto, que elucidada o texto, que com ele coincide: antes com ele convive – relação que é remota e profícua na obra de Avelino Sá, mas que nunca terá sido tão desabrigada como aqui. Reingressar na escrita de Walser enquanto motivo de pintura, não é, pois, para o artista, um regresso a um espaço já apreendido e, como tal, cómodo ou isento de falha: revela-se, sempre, um ingresso feliz numa vastidão que o liberta.

AVELINO SÁ

Nasceu em 1961, Santa Maria da Feira, é licenciado em Artes Plásticas-Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Vive e trabalha no Porto. Expõe regularmente desde 1982. Além de Portugal, expôs na Alemanha, Espanha, Holanda, Brasil e Cabo Verde. Foi Prémio Amadeu de Souza Cardoso em 2013.

Born in 1961, Santa Maria da Feira, has a degree in Plastic Arts-Painting from Faculty of Fine Arts of the University of Porto. He lives and works in Oporto. He exhibits regularly since 1982. Besides Portugal, he has exhibited in Germany, Spain, Holland, Brazil and Cape Verde. Was awarded the Amadeu de Souza Cardoso Prize in 2013.

PROJETO

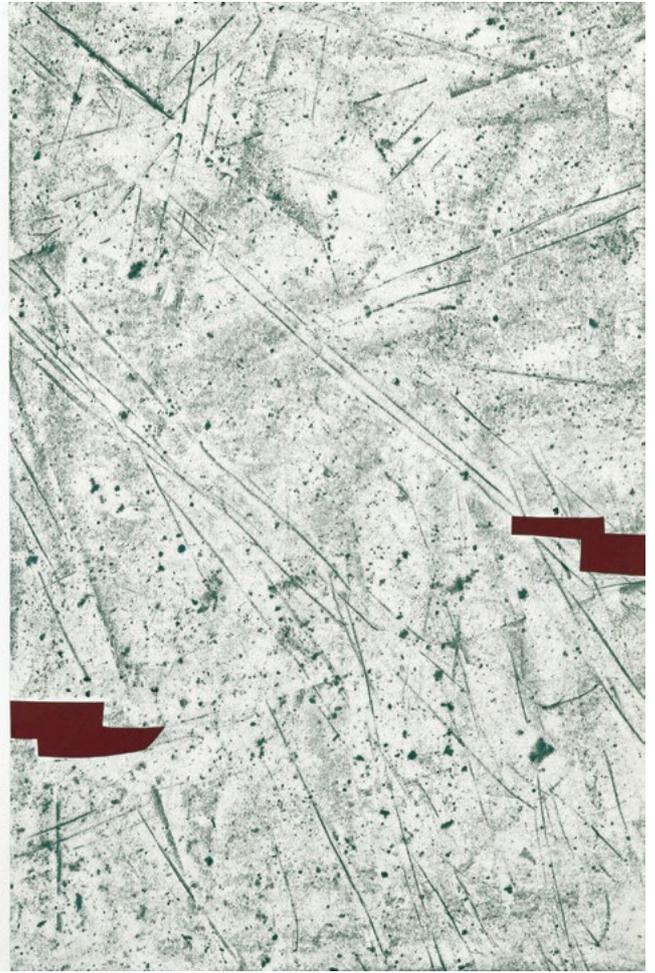
1 Mais recentemente, em Irmãos Grimm, *Contos Completos*, trad. T. A. Bairos, Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2015, pp. 265-266, veio a ser utilizado o título “A Rosa Espinhosa”, aproximando-se mais do original. No conto inclui-se uma nota a que os autores atribuíam uma originalidade ancestral germânica, que a diferenciava da versão francesa: “A jovem que jaz a dormir num palácio rodeado por um mundo de espinhos até ser libertada pelo príncipe certo, perante o qual os espinhos abrem caminho, é a Brunhild adormecida; segundo a saga nórdica antiga ela está circundada por um mundo de chamas, através das quais não consegue passar ninguém, a não ser Sirgurd, que a acorda.”

2 Poema que Paulo Quintela traduziu com o título “O Peregrino”; cfr. Hölderlin, *Poemas* (trad. P. Quintela), 1991, Relógio d’Água, pp. 240-249.

Fig. 1-9 (pp. 79-90)
Desenhos da série:
A Bela Adormecida,
2020. Grafite, colagem
e tinta-da-china
s/ papel, 50x60cm.

Almoçarife: O favor que ele nos prestou claro que é bem duvidoso e tantos cuidados conosco bem os podia ter poupado.

Durante o sono, não fluiu tudo, e excelentemente não nos sentiamos todos?



Cocheiro: Estivesse eu a dormir, não tinha agora de trepar p'rá boleia e incomodar-me c'os teimosos coices dos cavalos.

Cosinheiro: Estivesse eu a dormir, não tinha agora de me zangar com os moços da cozinha.

Cosinheira: Estivesse eu a dormir, não depenava agora galinhas.

Governanta: E eu não sacudia almofadas

Criado: E eu não engraxava sapatos.

Caçador: A caça estaria a dormir como eu se este senhor não tivesse aparecido.

Intendente: Livro nenhum me maçaria, nunca reveria as contas, bem poucas preocupações iríamos ter com os saldos.



Bela Adormecida: Diz, como vieste aqui ter?

Não tens olhos como o mar?

Foram ondas a trazer-te ou caíste-nos das nuvens?

Forasteiro: Sou assim tão indesejado?

Bela Adormecida: Por assim me
perturbares o meu agradável sono.



Rei: Primeiro dá-nos
informações.

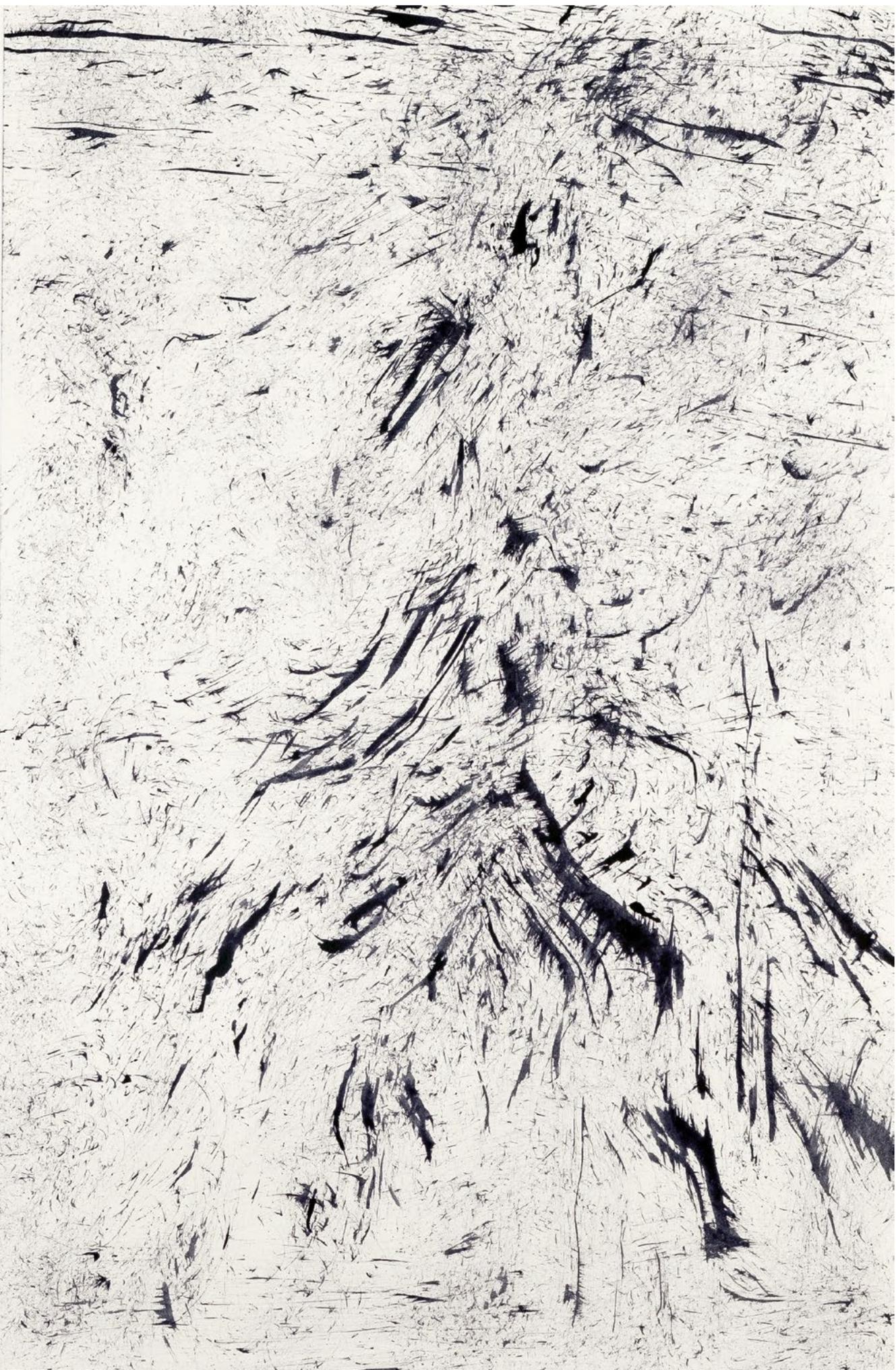
Forasteiro: Pois sabe: aborrecia-me na corte de meu pai; um dia pus-me a andar, para saber o que é a vida; e quando estava cansado, dormia algures sobre a terra dura, e depois prosseguia; se alguém me barrasse o caminho, defendia-me; e foi então que ouvi falar de ti.

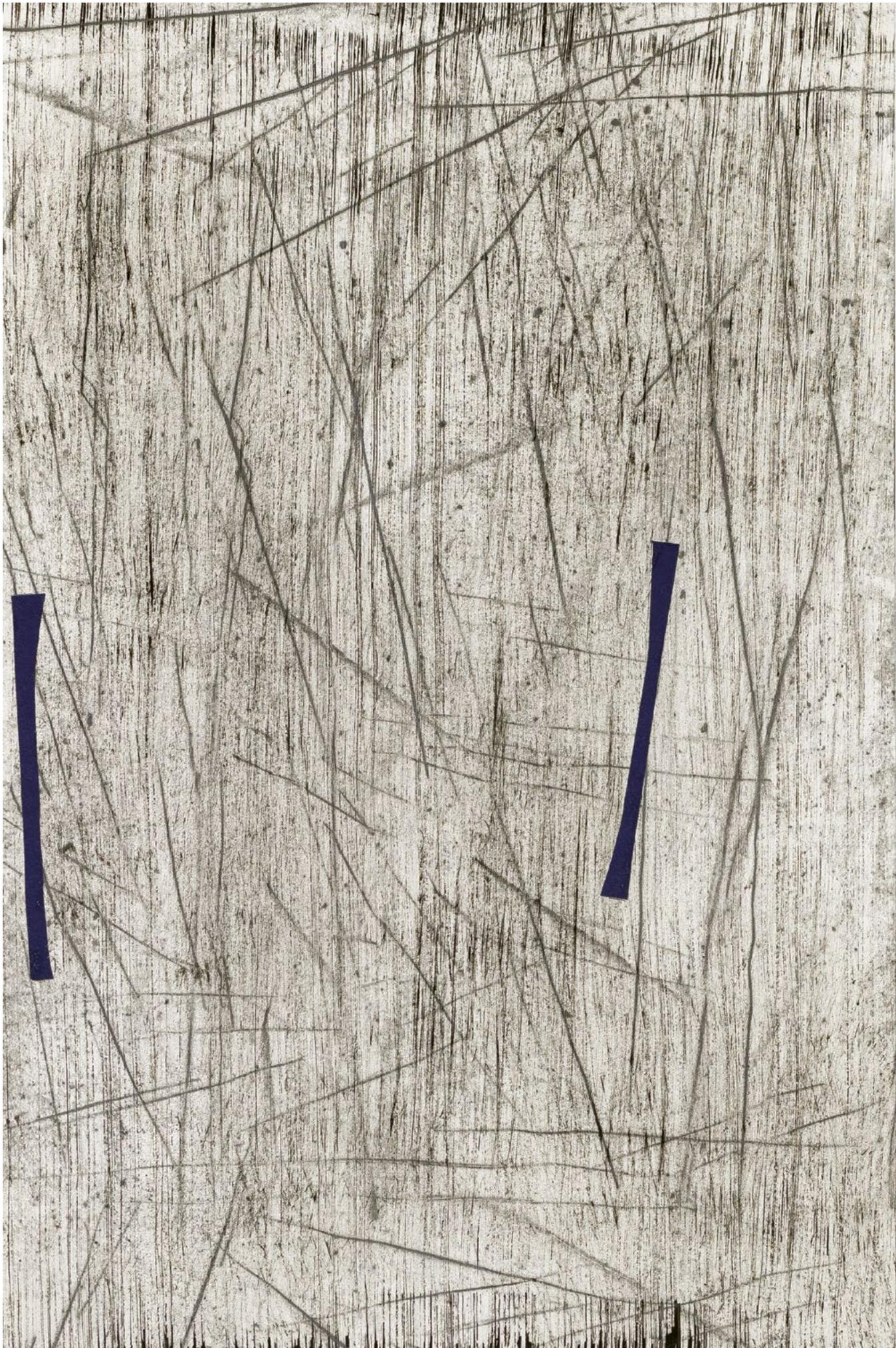
Bela Adormecida: De mim?

Forasteiro: Claro que me apetecia tentar o feito. Prossegui viagem e, apesar de nunca te ter visto, tinha-te sempre diante de mim em espírito, acompanhavas-me os passos, e à noite passava o tempo imaginando como eras doce e amorosa e como seria maravilhoso impressionar-te para que me estimasses um pouco, atrair-te a mim com força, com muita força, e que tu pensasses de mim ser eu para ti algo aceitável.

E agora eis-me aqui, um tanto canhestro, mas que importa desde que aqui esteja em pessoa, como de facto estou.

Continuei viagem e cheguei aqui e penetrei, sem pensar muito na turba envolvente, e logo, como se soubessem que era chegado o momento, os espinhos se separaram, de modo que encontrei o caminho sem entraves e pude então correr para ti; vi-te e beijei-te, e então abriste os olhos.





Bela Adormecida: Oh coitados, os valentes que ousaram desprezar a vida, a quem pareceu mais belo resolver um problema, conquistar honra e amor, do que existir com menos dignidade e valentia. Lembrar-me-ei disto toda a minha vida, e este pensamento deverá animar-me como o perfume das flores; desgraçada serei se não pensar constantemente nisto, para mim igual a respirar.



Forasteiro: Claro, sem dúvida, e eu deveras envergonhado por ser tão bem sucedido agora à tua frente -

Bela Adormecida: Quando tantos bons tiveram de morrer, tantos que, como tu tão fervorosos, por mim ansiavam, que, de olhos azuis brilhantes e cabelo louro, de ânimo puro, de peito jovem cheio de ímpeto juvenil para ganhar esta vida o seu encanto, me disputaram - tu apenas me alcançaste; não lhe concedeu a eles o destino. Não quero isso, portanto lutamos em vão, mesmo que gigantes se metam de perneio. Fortuna! Pff!

Por momentos fiquei quase de mau humor, vê lá! Porém começo a acreditar que tens direitos sobre mim, e é justo que agora te pertença.

Rainha. Não queres pensar melhor sobre este passo?

Medita no que estás a prometer.

Bela Adormecida: Se pensasse nisso muito mais tempo, no fim perdia-lhe gosto. Não, estou em total acordo comigo mesma e agora ele é o meu senhor, embora gostasse de ter imaginado diferente o herói, bem mais formoso, mais gentil e elegante, mais arrebatador também, e, em certo sentido, mais ativo, aí, não devo dizê-lo, tenho de aceitá-lo como é, e faço-o com muito gosto.



Bela Adormecida: Assim seja! Toquem música e alegremo-nos todos juntos. O sol brilha, o céu está azul e os ventos refrescam-nos. O palácio está agora vivo. Todos nós queremos doravante confiar seriamente uns nos outros e, em resumo construir desta maneira uma sociedade próspera.

Rei: Não faças nada mal, filha, estou de acordo.

Rainha: Eu também.

Forasteiro: E eu, pois doutro modo não podia ser.

